

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ  
(SEGUNDA PARTE). O *FÉDON* DE  
PLATÃO. CONFERÊNCIA  
DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
PLATONISTAS (SBP)

DOSSIER'S PRESENTATION  
(SECOND PART): PLATO'S *PHAEDO*.  
PLATONISTS BRAZILIAN SOCIETY  
CONFERENCE

XAVIER, D. G. (2016). Apresentação do Dossiê (segunda parte). O *Fédon* de Platão (Sociedade Brasileira de Platonistas – SBP). *Archai*, n. 17, may-aug., p. 39-44.

É com grande prazer que trazemos à luz a segunda e última parte do Dossiê “O *Fédon* de Platão” (*Sociedade Brasileira de Platonistas-SBP*). Este *corpus* es-

archai 

n. 17, may-aug. 2016

critico é composto de contribuições apresentadas no *XII Simpósio Internacional da Sociedade Brasileira de Platonistas* (SBP), realizado no *Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia* (UFU), entre os dias 07 e 10 de abril de 2015.

O evento – tal como salientamos já na apresentação da primeira parte do dossiê – foi cancelado pela *International Plato Society* (IPS) como *Regional Meeting* e contou com a participação de dezenas de estudiosos brasileiros e estrangeiros, numa teia de colaboração que encontra aqui – mas não apenas aqui, uma vez que se manifesta ainda de outras formas – o seu registro fundamental.

Nesta segunda parte do dossiê, contamos com mais oito artigos.

Em artigo intitulado “**Uma insólita mistura de prazer e dor**”, Anastácio Borges investiga os efeitos do que no *Fédon* surge como uma “estranha afecção” (*atopon pathos*), “uma insólita mistura de prazer e dor”. O autor procura, a partir exatamente do binômio prazer/dor, elucidar a defesa socrática acerca do desejo e do prazer à luz da proximidade da morte. O artigo tem como fim demonstrar em que medida aquela proximidade implica a esperança de alcançar, após a morte, uma sabedoria que o amante do saber parece não poder experimentar em plano corpóreo.

No artigo “*El Fedón y la educación para la (no-) muerte en la España Quinientista*”, Edrisi Fernandes, baseando-se na tradução para o castelhano do *Fédon* (1446-1447, a partir da versão latina de Leonardo Bruni [Leonardo de Arezzo/Arecio; Leonardo Aretino])

de Pero Díaz de Toledo (c. 1410-1466), sua tradução de *Axioco* (c. 1444-1445; a partir da versão latina de Cencio de' Rustici) e seu *Diálogo y razonamiento en la muerte del marqués de Santillana* (antes de 1460), analisa o problema da educação para a morte e do ensino sobre a imortalidade da alma na Espanha “quientista”.

Guilherme Motta, no artigo “**Seria o platonismo uma negação da vida?**”, argumenta em favor da tese segundo a qual se a “morte” no *Fédon* significa separação da alma e do corpo, sem que a alma seja com isso aniquilada, tal significa a continuidade da vida contemplativa, a mesma que foi tolhida pelos limites impostos pelo corpo durante a existência corpórea. Assim, a vida contemplativa representaria uma vida de fruição contínua do maior prazer. Motta, porém, acrescenta ainda que é fundamental verificar como Platão tratou nos diálogos a questão da fruição dos prazeres corpóreos tanto no caso do filósofo quanto no caso do homem comum: uma tese que leva à constatação de que o platonismo não é uma negação da vida, mas antes a afirmação da vida, seja na dimensão corpórea, seja espiritual.

Por sua vez, Trindade, em seu “**Observações sobre ‘o igual’ e ‘os iguais’: Fédon 72e-77a**”, analisa o *Fédon* em perspectiva que toma a reminiscência, segundo angulação ontoepistemológica, como forma de aquisição dos diferentes saberes: um captado a partir das sensopercepções, outro “concebido” no pensamento. Segundo o autor, como teoria sobre a cognição e a aprendizagem, a reminiscência consistirá no exercício de recuperação de saber anterior, realizado a partir da experiência do conhecimento de “algo” captado a

archai 

n. 17, may-aug. 2016

Dennys Garcia Xavier, ‘Apresentação do Dossiê (segunda parte). O *Fédon* de Platão (Sociedade Brasileira de Platonistas – SBP)’, p. 39-44

partir das sensopercepções (76d-e; *Men.* 82-86; *Phdr.* 249b-c). O que é percebido não são predicados formados a partir da observação de paus e pedras iguais ou desiguais, mas “os próprios iguais” (74b): imagens do Igual, que “tomam como modelo” e ao qual se referem. Como concepção e teoria sobre a aquisição do saber, iniciada “pelo uso das sensopercepções”, a reminiscência consiste no *processo gradual* pelo qual a alma recupera o saber que é próprio dela (75e; *Phdr.* 249b ss.).

No artigo “Alma, morte e imortalidade”, Giovanni Casertano explora a tese segundo a qual diálogos de Platão são grandes representações teatrais. Representações nas quais se põe em cena sobretudo algo que nenhum dos tragediógrafos ou dos comediógrafos gregos se atrevera a tratar antes de Platão: a filosofia. No *Fédon*, diz Casertano, é possível identificar a perspectiva das ideias contraposta à de um puro e simples empirismo, bem como a proclamação da imortalidade da alma, e, sim, incongruências lógicas e argumentativas. Contudo, para alcançar o sentido disto tudo é preciso abandonar precisamente a pretensão de encontrar nele um tratado de filosofia. Antes de mais, é preciso lê-lo como uma obra teatral que põe em cena uma situação singular, com personagens singulares que discutem filosofia, ou aquilo, entre eles, é a filosofia.

Xavier, em contribuição intitulada “O agnosticismo platônico no *Fédon* de Platão”, trata do problema epistemológico que envolve afirmações relativas à alma e ao *além* no contexto do *Fédon* de Platão. O autor dedica especial atenção aos dados que, naquele contexto dramático, surgem como elementos teóricos

que jogam forte dúvida sobre aspectos considerados essenciais da metafísica do filósofo, tais como: a relação corpo-alma, a morte enquanto bem e/ou mal, a natureza eterna da alma.

Finalmente, em seu “**Liberar el alma del cuerpo-prisión: la función de la verdadera filosofía**”, Francesc Casadesús analisa o *Fédon* evocando a presença de um Sócrates “conhecedor do Além”, hábil no uso de terminologia “mistérica” (convertida em conceitos filosóficos), de procedência órfico-pitagórica, quando não, até mesmo, um iniciado. Sendo assim, refere o autor, as noções de imortalidade da alma e de iniciação são reutilizadas para definir o que, em diversas ocasiões, o filósofo diz ser “correta”, *orthos*, filosofia. Em tal contexto, Platão teria transformado a metáfora órfica do corpo entendido como tumba da alma, *soma-sema*, pela imagem do corpo-prisão. Casadesús tenta demonstrar em que medida esta apropriação da metáfora obedece a interesses de Platão, no sentido de “melhorar” a imagem órfica da tumba que, por motivos éticos, epistemológicos e literários, lhe parecia insuficiente.

Não podemos, também nesta segunda e conclusiva parte de nosso Dossiê, deixar de registrar o nosso muito obrigado a todos os colegas que nos alegraram com suas presenças na cidade de Uberlândia. Agradecimento especial devemos, uma vez mais, à CAPES, pelo fundamental apoio e pela gentileza com a qual sempre trata as demandas da SBP. Novamente agradecemos à pesquisadora Ália Rodrigues (Cátedra UNESCO/Archai, UnB) pelo cuidado com a revisão técnica/científica das provas e pela disponibilidade, sempre marcada por irrepetível gentileza. Por fim,

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Dennys Garcia Xavier, ‘Apresentação do Dossiê (segunda parte). O *Fédon* de Platão (Sociedade Brasileira de Platonistas – SBP)’, p. 39-44

archai 

n. 17, may-aug. 2016

Dennys Garcia Xavier, 'Apresentação do Dossiê (segunda parte). O Fédon de Platão (Sociedade Brasileira de Platonistas – SBP)', p. 39-44

mas não menos importante, deixamos, na pessoa do seu Editor, o Prof. Gabriele Cornelli, o nosso agradecimento à *Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental*, pelo espaço concedido ao dossiê que, agora concluído, a SBP deixa como mais um de seus legados.

Boa leitura a todos!